

V

ENTRE MARGENS E PROTAGONISMOS: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS E DOS TRABALHADORES RURAIS EM OS SERTÕES E TORTO ARADO

Laiane Reis Soares (UEFS/ PIBIC/FAPESB)¹⁰

Idmar Boaventura Moreira (UEFS)¹¹

RESUMO

Este artigo realiza uma análise comparativa das representações das mulheres sertanejas e dos trabalhadores rurais nas obras *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior. A pesquisa, fundamentada na Literatura Comparada, adota uma abordagem bibliográfica e interpretativa para examinar as construções estéticas e culturais dessas representações. Em *Os Sertões*, tanto as mulheres quanto os trabalhadores rurais são retratados de forma marginal e estereotipada, refletindo o contexto histórico da época. Em contraste, *Torto Arado* apresenta esses sujeitos como protagonistas ativos, ressaltando sua resistência e participação na transformação social. A comparação entre as obras evidencia a evolução das representações literárias, ressaltando a crítica de narrativas canônicas e a valorização das vozes tradicionalmente silenciadas nos sertões brasileiros. Este estudo contribui para a compreensão das mudanças discursivas e do protagonismo social nas representações literárias contemporâneas do sertão.

Palavras-chave: Literatura comparada; Representação feminina; Trabalhadores rurais; Sertão; *Os Sertões*; *Torto Arado*.

ABSTRACT

This article presents a comparative analysis of the representations of rural women and laborers in *Os Sertões* (1902) by Euclides da Cunha and *Torto Arado* (2019) by Itamar Vieira Júnior. Based on Comparative Literature, the study adopts a bibliographic and interpretative approach to examine the aesthetic and cultural constructions of these representations. In *Os Sertões*, both women and rural workers are depicted marginally and stereotypically, reflecting the historical context of the time. In contrast, *Torto Arado* portrays these subjects as active protagonists, emphasizing their resistance and role in social transformation. The comparison highlights the evolution of literary representations, underscoring a critique of canonical narratives and the valorization of voices traditionally silenced in the Brazilian sertão. This study contributes to understanding discursive changes and social protagonism in contemporary literary portrayals of the sertão.

Keywords: Comparative literature; Female representation; Rural workers; Sertão; *Os Sertões*; *Torto Arado*.

¹⁰ Graduanda em Letras com Língua Espanhola, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: laiane.soares25@outlook.com

¹¹ Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: beltrano@provedor.br

1 INTRODUÇÃO

A representação literária do sertão brasileiro tem sido objeto de reflexão crítica desde o início do século XX, destacando-se como um espaço simbólico marcado por conflitos sociais, culturais e políticos. Obras como *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, lançam as bases para a construção de uma matriz cultural que associa o sertão à resistência, à pobreza e à violência, enquanto produzem imagens complexas sobre seus habitantes. Mais recentemente, romances como *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior, oferecem uma releitura contemporânea desse universo, incorporando perspectivas históricas e sociais atualizadas, especialmente no que tange ao protagonismo das mulheres e à organização da classe trabalhadora rural. Essa pesquisa se propõe a analisar como essas obras dialogam entre si, buscando compreender as transformações e continuidades na representação do sertão, com ênfase nas dimensões de gênero e trabalho, em um contexto marcado por processos históricos de colonização, escravidão, abolição e luta por direitos.

A vigente pesquisa buscou analisar a reelaboração da matriz cultural do sertão estabelecida na tradição literária desde *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, até o romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior, com o objetivo de compreender de que maneira *Torto Arado* se apropria e reelabora a representação do sertão feita por Euclides da Cunha. Além disso, a pesquisa pretende problematizar e discutir a representação literária dos habitantes dessa região, com foco especial no protagonismo das mulheres e na organização político-social da classe trabalhadora, especialmente dos trabalhadores rurais, em suas lutas por melhores condições de vida.

Os Sertões, obra do escritor e jornalista carioca Euclides da Cunha, configura-se como um relato dos acontecimentos mais brutais da história do Brasil, a Guerra de Canudos (1896-1897), no sertão baiano, que foi um dos maiores genocídios da população brasileira. Inicialmente, a obra busca denunciar esse atentado; entretanto, ao longo da leitura, emergem questionamentos acerca do verdadeiro objetivo do texto, sobretudo diante da tensão entre a história real e a história oficial.

Em contrapartida, o romance *Torto Arado*, do escritor baiano Itamar Vieira Júnior, ambienta-se na Chapada Diamantina – BA, em um contexto

pós-abolicionista, e narra a trajetória de duas protagonistas, Bibiana e Belonísia, desde a infância até a fase adulta. A obra retrata uma comunidade majoritariamente negra, composta por descendentes diretos de pessoas escravizadas, revelando as continuidades e rupturas do processo colonial, da escravidão e da abolição ilusória, marcada pela ausência de direitos efetivos. Paralelamente ao protagonismo feminino, a narrativa aborda a organização político-social da classe trabalhadora rural, destacando as disputas pelo direito à terra e as lutas coletivas por condições dignas de trabalho e vida no sertão.

Para fundamentar essa análise, foram mobilizados os conceitos presentes no artigo *Colonialidade do poder, América Latina e Eurocentrismo* (2005), de Aníbal Quijano, e no livro *Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil* (2021), de Joelson Ferreira e Erahsto Felício, que contribuem para compreender as relações de poder, dominação e resistência presentes nas representações literárias do sertão.

Dessa forma, esta pesquisa realiza um estudo comparativo entre as duas obras, buscando evidenciar como a literatura, ao construir a imagem do sertão e de seus habitantes, participa da reelaboração cultural da região, destacando tanto a voz das mulheres quanto a luta da classe trabalhadora rural em suas múltiplas dimensões históricas e sociais.

2 MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

Neste estudo, utilizaram-se os métodos da pesquisa bibliográfica. Deste modo, realizaram-se leituras prospectivas das obras literárias e da bibliografia de apoio, a partir das quais foi feito o levantamento e definição dos textos que atenderam à temática estudada. As referências da história, da teoria e da crítica literária foram compulsadas em relação direta com as características dos autores e das obras, conforme os objetivos do trabalho. Os estudos dos textos consideraram tanto o rendimento estético quanto sua performance enquanto representação do uso das matrizes culturais em foco.

Nesse sentido, a presente pesquisa examinou duas dimensões fundamentais da representação literária do sertão: a figura feminina e seu protagonismo nas obras *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior; e a organização político-social da classe trabalhadora rural, sobretudo a luta por melhores condições de trabalho e vida, explicitada em *Torto Arado*. Para a

análise das mulheres sertanejas, a pesquisa utilizou como apoio bibliográfico os estudos *As mulheres de Os Sertões* (2002), de José Calasans, *Presença das mulheres em Canudos* (2002), de Luzilá Gonçalves Ferreira, e *Mulher presente: existência e resistência em Os Sertões de Euclides da Cunha* (2019), de Anélia Montechiari Pietrani. Já para compreender a organização e a luta da classe trabalhadora rural no sertão, recorreram-se ao artigo *Colonialidade do poder, América Latina e Eurocentrismo* (2005), de Aníbal Quijano, e ao livro *Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil* (2021), de Joelson Ferreira e Erahsto Felício, cuja fundamentação é de suma importância para problematizar as relações de poder e resistência expressas na literatura.

O processo metodológico compreendeu três etapas principais. Na primeira, realizou-se uma leitura analítica e reflexiva das obras literárias selecionadas: *Os Sertões* (1902), com levantamento de suas principais ideias e recorte sócio-histórico, e *Torto Arado* (2019), com atenção especial ao contexto pós-abolicionista e às representações do protagonismo feminino e da classe trabalhadora rural. Na segunda etapa, procedeu-se à leitura e análise crítica da bibliografia de apoio, conforme as temáticas específicas – estudos sobre as mulheres sertanejas e os referentes teóricos das lutas sociais e políticas da classe trabalhadora.

Por fim, na terceira etapa, utilizou-se o método da Literatura Comparada para estabelecer um diálogo dialético entre as duas obras literárias, confrontando suas representações e revelando as continuidades e transformações na imagem do sertão e de seus habitantes. Os textos resultantes foram agrupados, comentados, anotados e analisados, constituindo o conteúdo dos estudos críticos apresentados como resultados da pesquisa.

3 AQUELES QUE SUSTENTAM A ENXADA: A REPRESENTAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS

Na obra *Torto Arado* (2019), a comunidade de Água Negra constitui o cenário central da narrativa. Seus moradores, trabalhadores rurais, formam a força vital da fazenda pertencente à família Peixoto, proprietária de todas as terras da região. A origem de Água Negra está diretamente ligada ao contexto pós-abolição da escravidão no Brasil — um período em que a liberdade, embora proclamada, não veio acompanhada de garantias concretas ou reparações históricas. Os negros libertos foram simplesmente deixados à própria sorte, sem acesso a meios

estruturais que possibilitassem sua autonomia, o que resultou na perpetuação de condições de vida e trabalho semelhantes à escravidão.

O que se observa, portanto, é uma abolição formal, mas de efeitos práticos limitados e ilusórios. Essa "falsa abolição" manteve a população negra aprisionada em uma estrutura socioeconômica que, embora renovada em aparência, reproduz antigas formas de exploração da força de trabalho e de exclusão territorial. Em *Torto Arado*, a permanência dos trabalhadores em Água Negra está condicionada à submissão total: eram forçados a trabalhar exaustivamente todos os dias da semana e proibidos de construir moradias permanentes. As casas deveriam ser feitas de barro — material frágil, facilmente demolido —, o que impedia a consolidação de vínculos estáveis com a terra e simbolizava a instabilidade da presença dos trabalhadores naquele território.

Essa precariedade habitacional não é apenas simbólica, mas representa uma estratégia explícita de controle social e territorial, que inviabiliza o reconhecimento dos direitos dos trabalhadores à terra que ocupam e cultivam. Além disso, a subsistência das famílias dependia de pequenas roças nos quintais, onde só era permitido plantar culturas que não interferissem na produção da fazenda. Mesmo essa produção limitada era alvo de expropriação: o gerente visitava as casas para recolher grande parte do que era cultivado.

Essa dinâmica evidencia a persistência de relações de dominação no campo, marcadas pela ausência de direitos reais e pela precariedade imposta aos trabalhadores. A representação literária em *Torto Arado* denuncia essa realidade histórica de exclusão, resistência e violência estrutural, na qual o controle da terra e do trabalho permanece como eixo central da opressão social no sertão brasileiro.

Sutério pegou a maior parte da batata-doce com as duas mãos grandes que tinha e levou para a Rural que havia deixado em nossa porta. Pilhou também duas garrafas de azeite de dendê que guardávamos para fazer os peixes miúdos que pescávamos no rio. Lembrou meu pai da terça parte que tinha que dar da produção do quintal. Mas as batatas não eram produção do quintal. (Vireira Júnior, 2019, p.85)

Os trabalhadores de Água Negra não recebiam qualquer remuneração pelo labor empregado na fazenda; em troca, lhes era concedida apenas uma moradia precária. Essa lógica de trabalho não remunerado, atrelada à posse absoluta da terra pela família Peixoto, fundamentou a constituição da comunidade. Submetidos a

uma condição de subserviência econômica e social, os moradores — herdeiros de tradições e saberes afrodescendentes — desenvolveram entre si um sólido senso de solidariedade comunitária. Essa coesão se materializava em práticas de ajuda mútua e cooperação cotidiana, essenciais para a sobrevivência diante das adversidades impostas pelo sistema de exploração. Quando um membro da comunidade carecia de arroz e outro de feijão, realizavam-se trocas informais que asseguravam a alimentação de todos. Assim, o apoio recíproco e a resistência coletiva emergiam como estratégias fundamentais de enfrentamento da precariedade e da opressão estruturais vivenciadas no cotidiano.

Afinal, nossos pais e esse povo de Maria Cabocla, e tantos outros, chegaram de lugares diferentes e distantes, mas, passado tanto tempo, viviam como uma parentela de filhos de pegação, de compadre, comadre, vizinho, marido e mulher, cunhados, primos e inimigos. Muitos haviam casado entre si e eram parentes de verdade, nos laços e no sangue. Os que não, eram de consideração. Então, o coração mandava dividir o que tínhamos, e por isso sobrevivíamos às piores dificuldades. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.151).

Os períodos de seca e enchentes representavam os momentos de maior adversidade para os trabalhadores rurais de Água Negra, uma vez que sua subsistência dependia diretamente do cultivo próprio. Durante as secas, a escassez de água comprometia o desenvolvimento das plantações; já nas enchentes, o excesso de água destruía as colheitas, inviabilizando a produção agrícola. Nesses períodos críticos, os trabalhadores buscavam alternativas para sobreviver, como a venda clandestina de azeite de dendê e peixes, deslocando-se discretamente até a cidade para comercializar seus produtos nas feiras. Essa clandestinidade era uma necessidade imposta pela proibição explícita dos proprietários da fazenda, que vedavam aos trabalhadores qualquer tipo de comércio independente, reservando exclusivamente a si mesmos o direito de exploração econômica da produção local. Tal restrição reforçava o controle e a exploração da força de trabalho, perpetuando a desigualdade e a dependência estrutural da comunidade.

O povo de Água Negra passou a seguir para a cidade antes de o sol raiar, sem conhecimento do gerente, se embrenhando pelas matas para não serem descobertos, na intenção de vender o peixe e comprar mantimentos.” (Vieira Júnior, 2019, p.107).

Assim, era nesse sistema estruturalmente exploratório que viviam os trabalhadores de Água Negra. Por isso, torna-se fundamental contextualizar e

resgatar a trajetória histórica desses moradores, a fim de compreender os motivos e as formas que deram origem à organização político-social dos trabalhadores rurais da comunidade. À luz das condições de vida e trabalho já apresentadas, evidencia-se um complexo entrelaçamento de injustiças sociais que, com frequência, impulsiona processos de resistência e mobilização coletiva.

A exploração vivenciada pelos moradores de Água Negra está intrinsecamente vinculada às consequências históricas do processo colonial, sendo a escravidão um dos seus elementos centrais. Por exemplo, a proibição aos trabalhadores de comercializarem livremente o que produziam em seus roçados remete diretamente à análise de Quijano (2005), que destaca como a população negra foi historicamente relegada à condição de escravizada, enquanto os colonizadores ibéricos (espanhóis e portugueses) detinham direitos exclusivos como salários, comércio independente e produção mercantil autônoma. Embora Água Negra se situe em um contexto pós-abolicionista, os trabalhadores permanecem submetidos a formas de exploração que reproduzem, em grande medida, as dinâmicas da escravidão, perpetuando desigualdades socioeconômicas e limitando suas possibilidades de emancipação econômica e social.

Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não podiam arriscar fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso (Vireira Júnior, 2019, p.204).

O romance se desenvolve a partir do núcleo familiar de Bibiana e Belonísia, que vivem com a avó, os pais e os irmãos. O pai, Zeca Chapéu Grande, além de trabalhador da fazenda, é curador do jarê, prestando cuidados à comunidade. Ele goza de respeito entre os trabalhadores e os proprietários, sendo uma liderança na organização do trabalho na fazenda.

A comunidade de Água Negra passa por mudanças constantes com a chegada de novos trabalhadores, atraídos pelas promessas de melhores condições de vida, especialmente com o avanço da mineração na Chapada Diamantina. Um dos recém-chegados é o tio de Bibiana e Belonísia, que se estabelece com a companheira e os filhos. Para os proprietários, famílias numerosas eram vantajosas, já que os filhos assumiriam futuramente o lugar dos pais nas lavouras. Itamar Vieira

Júnior (2019) aponta que as mulheres do campo são centrais nesse processo, pois garantem a reprodução da força de trabalho, seja para a fazenda ou para outras regiões.

Bibiana, Belonísia e o primo Severo, filho do tio recém-chegado, convivem intensamente durante a juventude. Severo, ainda adolescente, demonstra consciência crítica e ambição de transformação social. Questiona a posse da terra pela família Peixoto e afirma que ela pertence aos que nela nasceram e construíram suas vidas. Seu sonho é estudar e voltar com ferramentas para melhorar a realidade da comunidade.

Severo e Bibiana passam a se encontrar em segredo, unidos também pelo desejo de mudança. Quando Bibiana descobre a gravidez, decidem fugir para a cidade. Lá, Bibiana realiza o antigo sonho de tornar-se professora, ingressando no magistério. Severo, por sua vez, se envolve nas reuniões do sindicato dos trabalhadores rurais, demonstrando seu compromisso com a luta coletiva.

Severo estava trabalhando no corte de cana, tinha feito amizade com gente do sindicato. Tinham notícias da chuva que havia encerrado o longo período de seca, porque lá também chovia. Que iriam tentar guardar dinheiro para comprar um pedaço de terra. Queriam ser donos da própria terra. Estavam bem, não lhes faltava nada. Que no início do próximo ano ela iria fazer um supletivo voltado para trabalhador rural e logo poderia fazer o magistério para ser professora (Vireira Júnior, 2019, p.103).

Foi nesse contexto que a luta pela terra começou em Água Negra, liderada por Severo e Bibiana. Na cidade, ambos adquiriram conhecimentos que os ajudaram a entender seus direitos sobre a terra que cultivavam sem nenhuma compensação. De volta à comunidade, iniciaram um processo de conscientização entre os trabalhadores. Os mais velhos, porém, demonstravam desconfiança — talvez por um sentimento de “gratidão” e resignação, herança de uma trajetória marcada por condições ainda mais adversas. Já os mais jovens se engajavam com entusiasmo nas reuniões e mobilizações.

Severo propôs a criação de uma associação de trabalhadores rurais, ferramenta essencial para a organização política da comunidade. As reuniões se intensificaram, gerando reações violentas dos proprietários da fazenda: incendiaram o galinheiro de um trabalhador e soltaram gado nos roçados, destruindo plantações de subsistência. Ainda assim, Severo seguiu determinado a formalizar a associação.

Durante uma ida ao cartório para concluir o processo, Severo foi assassinado. Bibiana, que havia voltado em casa para buscar um documento — uma permissão que assegurava a permanência de Zeca Chapéu Grande na terra —, ouviu os tiros e encontrou o corpo do marido, caído e ensanguentado. Embora não houvesse provas formais, a comunidade sabia que o crime fora encomendado pelo dono da fazenda. A polícia encerrou o inquérito com a alegação infundada de que Severo estaria envolvido com o tráfico de drogas — uma tentativa de criminalizar sua liderança e silenciar sua luta. Indignada, Bibiana recusou-se a aceitar que ele fosse enterrado sob essa mentira.

O assassinato de lideranças populares é um padrão histórico no Brasil. O caso de Canudos é um exemplo: um arraial que construiu formas próprias de resistência foi brutalmente exterminado pelo Exército em nome da ordem republicana. Severo representa essas vozes que ousaram romper o silêncio e exigir dignidade.

Diante dessa perda, Bibiana reuniu os moradores de Água Negra e assumiu a palavra. Nervosa, contou a história de seus antepassados, denunciou a injustiça das condições de vida e reafirmou que Severo morreu lutando por terra e dignidade. O dono da fazenda observava à distância, impotente diante da força coletiva que se formava. Mesmo sentindo o peso da intimidação, Bibiana não recuou.

Chegamos à fazenda há muitos anos, cada um aqui sabe como foi. Essa história já foi repetida muitas vezes. Mil vezes. Muitos de nós, a maioria, posso dizer, nasceram nesta terra. Nasceram aqui, nesta terra que não tinha nada, só o nosso trabalho. Isto tudo aqui só existe porque trabalhamos esta terra. Eu nasci aqui. Meus irmãos nasceram aqui. Crispina, Crispiniana e a família também. E os que não nasceram, já estão a maior parte de suas vidas em Água Negra. Os donos pisavam os pés nesta terra só para receberem o dinheiro das coisas que plantávamos nas roças. (Vireira Júnior, 2019, p. 219)

A organização político-social dos trabalhadores rurais da comunidade de Água Negra emergiu a partir da experiência concreta das injustiças vividas no cotidiano. Sentindo na própria pele a ausência de direitos fundamentais — como o acesso à terra, a moradia digna, a saúde e o lazer — esses trabalhadores reconheceram a desigualdade e a exploração que sustentavam a riqueza dos donos da fazenda. Foi justamente essa tomada de consciência acerca da exploração e da exclusão social que impulsionou a mobilização coletiva, gerando a organização como forma de resistência e luta por direitos.

4 AQUELAS QUE CARREGAM O FACÃO: A REPRESENTAÇÃO FEMININA

Entende-se que *Os Sertões* é uma obra bastante importante dada a época da sua primeira publicação, somada a ausência de discussões sólidas sobre o sertão e seus habitantes em seu contexto social. Dito isso, a obra pode ser considerada a principal matriz cultural de toda representação do sertão no imaginário brasileiro.

Relata-se na obra *Os Sertões* (2002), que o sertão é um lugar ruim de viver. Ambiente em que o sol é inimigo dos habitantes e que a flora é seca e a terra é arenosa, como se a flora desse bioma se resumisse a estas características. Todos esses aspectos, levantados por Euclides da Cunha, se limitam a uma visão estereotipada de uma imagem projetada no imaginário do que é o sertão. Com isso, cria-se também uma mesma visão sobre as pessoas que moram no sertão, ao relatar que a terra sertaneja reflete seu habitante. Então se a terra é seca, arenosa e rígida, seus habitantes também são. Isto posto, revela-se uma ação de desumanização com os sertanejos e sertanejas por parte do autor.

À vista disso, a respeito da figura das mulheres sertanejas, o autor não relata muitos acontecimentos. As mulheres surgem no livro poucas vezes, Ferreira (2002, p.367) afirma que para encontrar a presença feminina nas páginas euclidianas é preciso paciência, atenção nas linhas e entrelinhas, pois nos detalhes é que se percebe informações sobre as mulheres de Canudos.

Mediante a isso, percebe-se que o mais contraditório é que as mulheres representavam a maior parcela da população de Canudos, essa é uma informação trazida pelo próprio escritor nas páginas de seu famoso livro *Os Sertões* (2002) “O efeito da comissão, porém, foi de todo inesperado. O Beatinho voltou, passada uma hora, seguido de umas trezentas mulheres e crianças e mais dúzia de velhos impestáveis”, e então, percebe-se que há algo de errado.

Neste sentido, é plausível afirmar o que levou Euclides da Cunha a falar tão pouco das mulheres e, de seus possíveis papéis de protagonismo na Guerra de Canudos, foi o próprio pensamento misógino do autor. Pensamento esse, infundido e propagado por uma sociedade estruturalmente patriarcal e machista, onde se nega a presença das mulheres como sujeitos históricos e de protagonismo.

Em contrapartida, no romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior, as mulheres têm seus protagonismos destacados. Primeiro, o livro é dividido em três partes e estas três partes são narradas por vozes femininas, as quais são, as irmãs

Bibiana e Belonísia e a encantada Santa Rita Pescadeira. Segundo, a obra relata todos os papéis sociais que as mulheres desempenham na localidade de Água Negra, ambiente do enredo do livro. E terceiro, o autor humaniza essas mulheres, pois elas são representadas por seus papéis na comunidade e não pelas suas aparências físicas, como ocorre em *Os Sertões*.

São muitas as mulheres presentes em *Torto Arado*, todas com sua singularidade, força e donas de suas próprias histórias. A obra revela que mulher é movimento, sagacidade e sabedoria. Elas são muito bem representadas, são reconhecidas enquanto sujeitos históricos e tem seus protagonismos destacados, mostrando que elas estão presentes por todos os cantos construindo e reconstruindo histórias.

Portanto, a representação da mulher em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, representa uma antítese da representação da mulher em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. A forma com que as mulheres se apresentam nas duas obras, se contrariam. Pois, em uma obra a mulher é apresentada de forma desumana, ridicularizada, silenciada e sendo apagada enquanto sujeito histórico. E, na outra obra, a mulher é apresentada enquanto um sujeito importante na construção da comunidade, tendo suas habilidades e trabalhos reconhecidos e é destacada enquanto um sujeito histórico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, permitiu evidenciar importantes contrastes na forma como a literatura brasileira representa os sujeitos historicamente marginalizados, especialmente as mulheres e os trabalhadores rurais. Ao serem colocadas em diálogo, essas obras revelam mudanças significativas na construção literária do sertão e de seus habitantes.

Em *Os Sertões*, publicado no início do século XX, observa-se uma narrativa que, embora inovadora em seu tempo ao dar atenção à realidade do sertão nordestino, silencia ou minimiza a presença feminina como sujeito ativo da história. As mulheres aparecem de forma esporádica e, quando mencionadas, estão quase sempre vinculadas a papéis secundários ou estereotipados, sem protagonismo social ou intelectual. Essa ausência reflete não apenas a mentalidade da época, mas também um projeto narrativo que privilegia uma visão masculina, científica e

militarizada do Brasil profundo.

Por outro lado, *Torto Arado* — romance contemporâneo — reconfigura profundamente essa perspectiva. Nele, as mulheres não apenas aparecem, mas ocupam o centro da narrativa. São protagonistas, lideranças e guardiãs de saberes ancestrais. Elas realizam trabalhos fundamentais para a manutenção da vida comunitária e são articuladoras da resistência e da memória coletiva. Itamar Vieira Júnior, portanto, propõe uma representação que valoriza a experiência feminina no sertão, rompendo com os apagamentos presentes na tradição canônica da literatura brasileira.

Além da centralidade das mulheres, *Torto Arado* também resgata a luta dos trabalhadores do campo, configurando-a como um processo de consciência social e resistência histórica. A organização política dos personagens da comunidade de Água Negra remete a movimentos históricos de insurgência popular, como o liderado por Antônio Conselheiro em Canudos — representado em *Os Sertões* — e às mobilizações contemporâneas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Contudo, enquanto em *Os Sertões* a massa sertaneja é retratada, em grande parte, como mística e manipulável, em *Torto Arado* os trabalhadores são sujeitos críticos e politicamente engajados, cuja luta pela terra envolve não apenas questões econômicas, mas também simbólicas, afetivas e espirituais.

A luta pela terra em *Torto Arado* ultrapassa a simples demanda por posse e produtividade: ela se articula com a recuperação da dignidade, da memória, da ancestralidade e da própria identidade territorial. Como afirmam Ferreira e Felício (2021, p. 133), “a terra se defende com sangue, com a disposição bravia de não aceitar viver sem seu território, sem seu lugar de vida, de memória, de ancestralidade.” Assim, o romance contemporâneo propõe uma leitura do sertão como espaço de existência plena, onde os vínculos entre sujeitos e território são indissociáveis.

Em síntese, a releitura do sertão promovida por Itamar Vieira Júnior em *Torto Arado* representa um deslocamento significativo em relação à imagem proposta por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Essa transformação narrativa evidencia uma ampliação dos horizontes de representação literária, ao dar voz e protagonismo às mulheres e aos trabalhadores, historicamente invisibilizados. Tal movimento contribui para a construção de uma literatura mais plural, crítica e comprometida com os sujeitos que moldaram — e continuam moldando — a história do Brasil.

REFERÊNCIAS

CALASANS, José. As mulheres de *Os Sertões*. In: FERNANDES, Rinaldo de. **O Clarim e a Oração**: Cem anos de *Os Sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 189-197.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

FERREIA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil**. Arataca: Teia dos povos, 2021.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Presença das mulheres em Canudos. In: FERNANDES, Rinaldo de. **O Clarim e a Oração**: Cem anos de *Os Sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 367-377.

PIETRANI, Anélia Montechiari. #Mulherpresente: existência e resistência em *Os Sertões* de Euclides da Cunha. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana**, Feira de Santana, v. 09, n. 1, p. 105-118, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/4543/4630>>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, 2005.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.